

# “Vivências marcadas por preconceito(s)?”: representações de enfermeiras(os) sobre pessoas ‘travestis’

“Experiences marked by prejudice(s)?”: nurses’ representations on ‘transvestite’ people

“¿Experiencias prejuiciosas?”: representaciones de enfermeras en personas de ‘travestis’

**Ester Mascarenhas Oliveira<sup>I</sup>**

ORCID: 0000-0002-6643-6910

**Jeanne Freitas de Oliveira<sup>II</sup>**

ORCID: 0000-0001-8401-8432

**Cleuma Sueli Santos Suto<sup>III</sup>**

ORCID: 0000-0002-6427-5535

**Carle Porcino<sup>IV</sup>**

ORCID: 0000-0001-6392-0291

**Sara Peixoto de Almeida Brandão<sup>I</sup>**

ORCID: 0000-0002-1925-9093

**Daiane Santos Oliveira<sup>I</sup>**

ORCID: 0000-0002-0252-441X

**Dejeane de Oliveira Silva<sup>IV</sup>**

ORCID: 0000-0002-1798-3758

<sup>I</sup>Centro Universitário de Brasil. Brasília, Distrito Federal, Brasil.

<sup>II</sup>Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>III</sup>Universidade do Estado da Bahia. Senhor do Bonfim, Bahia, Brasil.

<sup>IV</sup>Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Bahia, Brasil.

## Como citar este artigo:

Oliveira EM, Oliveira JF, Suto CSS, Porcino C, Brandão SPA, Oliveira DS, et al. “Experiences marked by prejudice(s)?”: nurses’ representations on ‘transvestite’ people. Rev Bras Enferm. 2020;73(Suppl 6):e20190749. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0749>

## Autor Correspondente:

Ester Mascarenhas Oliveira  
E-mail: [estermascarenhas@gmail.com](mailto:estermascarenhas@gmail.com)



EDITOR CHEFE: Dulce Barbosa

EDITOR ASSOCIADO: Fátima Helena Espírito Santo

Submissão: 09-01-2020

Aprovação: 26-06-2020

## RESUMO

**Objetivos:** apreender e analisar a estrutura das representações sociais de enfermeiras(os) sobre a pessoa travesti. **Métodos:** pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais, com 110 enfermeiras(os) matriculadas(os) em cursos de Pós-Graduação em Enfermagem, que responderam ao Teste de Associação Livre de Palavras, com o estímulo ‘travesti’. Os dados foram processados pelo software *Ensemble de Programmes Permettant l’Analyse des Évocations*. **Resultados:** no núcleo central, o termo “preconceito” foi o mais evocado, seguido por “homossexual”, “identidade” e “maquiagem-feminino”. A representação social está ancorada na organização social em que as pessoas travestis ainda são vistas e/ou associadas ao homossexual que se maquia e assume uma identidade, sem, no entanto, serem vistas e/ou compreendidas como realmente são/estão. **Considerações Finais:** embora o preconceito se notabilize como elemento central, termos presentes no sistema periférico revelam que o grupo reconhece a travesti enquanto pessoa de direitos, o que pode traduzir-se nas práticas de cuidado em saúde.

**Descritores:** Travestismo; Enfermeiras; Preconceito; Minorias Sexuais e de Gênero; Associação Livre.

## ABSTRACT

**Objectives:** to learn and analyze the structure of nurses’ social representations about transvestite people. **Methods:** a qualitative research based on the Theory of Social Representations, with 110 nurses enrolled in Graduate Nursing courses, who answered the Free-Association Test, with the stimulus ‘transvestite’. Data were processed by the software *Ensemble de Programmes Permettant l’Analyse des Évocations*. **Results:** in the central nucleus, the term “prejudice” was the most evoked, followed by “homosexual”, “identity” and “female-make-up”. Social representation is anchored in the social organization in which transvestite people are still seen and/or associated with homosexuals who make up and assume an identity, without being seen and/or understood as they really are. **Final Considerations:** although prejudice is noteworthy as a central element, terms present in the peripheral system reveal that the group recognizes transvestites as a person with rights, which can translate into health care practices.

**Descriptors:** Transvestism; Nurses; Prejudice; Sexual and Gender Minorities; Free Association.

## RESUMEN

**Objetivos:** aprehender y analizar la estructura de las representaciones sociales de las enfermeras sobre la persona travesti. **Métodos:** investigación cualitativa, basada en la teoría de las representaciones sociales, con 110 enfermeras matriculadas en cursos de posgrado de enfermería, que respondieron a la prueba de asociación de la palabra libre, con el estímulo ‘travesti’. Los datos se procesaron utilizando el software *Ensemble de Programmes Permettant l’Analyse des Évocations*. **Resultados:** en el núcleo central, el término “prejuicio” fue el más evocado, seguido de “homossexual”, “identidad” y “maquillaje-femenino”. La representación social está anclada en la organización social en la que las personas travestis todavía son vistas y/o asociadas con el homossexual que se maquilla y asume una identidad, sin embargo, sin ser visto y/o entendido como realmente es. **Consideraciones Finales:** aunque el prejuicio se destaca como un elemento central, los términos presentes en el sistema periférico revelan que el grupo reconoce a los travestis como una persona con derechos, lo que puede traducirse en prácticas de atención médica.

**Descriptorios:** Travestismo; Enfermeras y Enfermeras; Prejuicio; Minorías Sexuales y de Género; Asociación Libre.

## INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é marcada pela binaridade de gênero, em que se é reconhecido(a) como homem ou mulher, ou seja, pessoas que divergem desse padrão cis-heteronormativo são compreendidas(os) como seres abjetos, em termos butlerianos<sup>(1)</sup>. Nesse contexto, a heterossexualidade é vista e/ou considerada como natural e compulsória. Dentre a diversidade de identidades que não se enquadram nesse modelo binário, estão as pessoas que se autoafirmam como travestis, mulheres e homens transexuais, “identidades gênero-divergentes”, que integram o segmento populacional de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT). Esta população tem ocupado uma posição marginalizada nas sociedades ocidentais contemporâneas<sup>(2)</sup>, o que demanda um olhar singularizado, inclusive da enfermagem, para atender às suas demandas de cuidado. No entanto, uma pesquisa realizada com enfermeiras(os) revelou que, entre o grupo investigado, há uma imagem das travestis como homens, de orientação sexual homossexual, que utilizam adereços para viverem uma identidade pautada no/pelo feminino<sup>(3)</sup>.

Dentre as identidades gênero-divergentes, tomou-se como foco de investigação neste estudo a pessoa travesti. Nesse aspecto, deve-se considerar que as vivências demarcadas nas/pelas travestilidades, da reivindicação do reconhecimento a partir da identidade de gênero travesti, se constitui como mais uma viabilidade para as pessoas que assim se autopercebem, tendo em vista que a conformação anatômica da genitália não define e/ou prescreve o destino das pessoas<sup>(4)</sup>. Para tanto, podem utilizar roupas e adereços socialmente sancionados como feminino e, até mesmo, recorrerem ao uso de hormônios, silicone líquido industrial e procedimentos cirúrgicos para modificar o corpo com vistas à realização pessoal<sup>(5)</sup>.

Na tentativa de minimizar os efeitos da discriminação, violência institucional e exclusão relacionadas ao processo saúde-doença de pessoas com identidade “não hegemônica”, e assegurar os princípios constitucionais da integralidade e da equidade, o governo brasileiro lançou, em 2010, a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT<sup>(6)</sup>. No entanto, a elaboração e implantação de política voltada para as pessoas travestis e transexuais, por si só, mostra-se insuficiente para promover mudanças nas práticas e concepções de profissionais de saúde, pois tais mudanças requerem a incorporação de sentidos que estão para além de aspectos político-científicos<sup>(7)</sup>.

A problemática do cuidado a essas pessoas envolve crenças e opiniões que se formam a partir de Representações Sociais (RS) hegemônicas, construídas e compartilhadas por indivíduos e grupos, como, por exemplo, aquele formado por enfermeiras(os), em um processo dinâmico que pode abranger aspectos subjetivos, cognições e afetos, constituindo-se enquanto reflexo de suas práticas, em um dado contexto social. Nesse seguimento, questiona-se: como se estruturam as RS de enfermeiras(os) sobre a pessoa travesti?

Neste estudo, a Teoria das Representações Sociais (TRS) se apresenta como eixo norteador para a produção de saber sobre travestis, possibilitando compreender como sujeitos sociais se esforçam para entender e significar o mundo ao seu redor. Desse modo, no campo profissional de enfermeiras(os), conhecer seu imaginário acerca das travestis possibilitará evidenciar nuances acerca de valores e práticas a

partir do espaço simbólico e das relações sociais advindas dos saberes sociais. Abordar a estrutura da representação social consiste em considerar um conjunto sociocognitivo e subjetivo contemplado por um sistema central e periférico, resultante da interpretação do universo simbólico e social do grupo investigado - em nosso caso, de enfermeiras(os) - com o ambiente e o meio social, sustentado a partir de atitudes, comportamentos e práticas.

## OBJETIVOS

Apreender e analisar a estrutura das RS de enfermeiras(os) sobre a pessoa travesti.

## MÉTODOS

### Aspectos éticos

O estudo atendeu a todos os parâmetros da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde<sup>(8)</sup>, em conformidade com os preceitos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob o Parecer 1.203.257. Trata-se de um recorte da dissertação intitulada “Laços e Embarços do Cotidiano: Representações Sociais de Enfermeiras sobre as Travestis”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFBA. A fim de preservar o anonimato, as(os) participantes foram identificadas(os) com a letra “P”, seguida da sequência cronológica da aplicação do Teste de Associação Livre de Palavras, da idade em anos e do curso em que estavam matriculadas(os).

### Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com foco na RS em sua abordagem estrutural - Teoria do Núcleo Central (TNC).

### Referencial teórico-metodológico

A abordagem estrutural na TRS é específica no campo das RS, sendo considerada como uma proposição teórico-metodológica complementar ao estudo de Serge Moscovici, e se propõe a apontar e analisar os processos que determinam as RS como conjuntos sócio-cognitivos organizados e estruturados em dois subsistemas: um sistema central e um sistema periférico<sup>(9)</sup>.

A TNC é concebida mediante a determinação de dois elementos distintos, porém interligados: o núcleo central e o periférico. O núcleo central (NC) caracteriza-se pela sua capacidade de ligar-se à memória coletiva, consensual, estável, sendo resistente a mudanças e pouco acessível ao contexto imediato. O sistema periférico permite a integração de experiências e histórias individuais; tolera a heterogeneidade do grupo; e é sensível ao contexto imediato e sujeito à mudanças<sup>(10)</sup>.

### Cenário do estudo

Desenvolvida com 110 das(os) 136 enfermeiras(os) matriculadas(os) nos cursos *lato sensu* (especialização e residência) e *stricto sensu* (mestrado e doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFBA.

## Fonte de dados

A participação no estudo envolvia os seguintes critérios: estar matriculada(o) como aluna(o) regular no semestre 2015.2, ter, pelo menos, um ano de atuação na assistência, docência e/ou gestão. Não foram investigadas(os) discentes na qualidade de aluna(o) especial ou que estavam afastadas(os) por licença médica e/ou maternidade e/ou aquelas(es) que estavam em processo de defesa de tese, dissertação ou monografia.

## Coleta e organização dos dados

A produção dos dados se deu pela aplicação de um formulário com dados de identificação e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), contendo o termo indutor “travesti”, para o qual foi solicitado que evocassem até cinco palavras, classificassem por ordem de importância e justificassem a escolha da palavra eleita como a mais importante. Trata-se de uma técnica projetiva amplamente utilizada em estudos de RS<sup>(4,11)</sup>, que permite identificar conteúdos latentes nas RS pela configuração dos elementos que constituem a rede associativa dos termos evocados em relação ao estímulo indutor<sup>(10)</sup>.

O TALP é um instrumento de aplicação rápida e de fácil compreensão, mas que prevê importantes recomendações quanto à sua aplicação. Dentre elas, destacam-se critérios relacionados ao entendimento da(o) participante quanto à técnica, tempo de resposta da(o) participante e preferência pela não utilização de frases longas ou expressões<sup>(12)</sup>. A coleta se deu no período de outubro de 2015 a março de 2016.

## Análise dos dados

Os dados referentes ao perfil das/dos participantes foram analisados por meio de estatística descritiva simples, apresentando as características do grupo investigado. As evocações foram submetidas a análise prototípica, sendo processadas no software *Ensemble de Programmes Permettant l' Analyse des Évocations* (EVOC), versão 2005, o qual possibilitou a construção do quadro de quatro de casas, constituído por elementos centrais e periféricos. Nesse sentido, foi possível a caracterização estrutural da representação social a partir do cálculo da frequência e da Ordem Média de Evocação (OME)<sup>(13)</sup>.

## RESULTADOS

O grupo investigado correspondente a 110 participantes, composto majoritariamente por mulheres (98), predominando a faixa etária de 25-35 anos. Do total, 84 autodeclararam ser da raça/cor negra. A maioria cursava especialização e/ou residência (42), seguida pelas mestrandas (32) e doutorandas (24). Além de desenvolverem atividades discentes, 81 enfermeiras(os) informaram ter vínculo empregatício. 36 atuavam na assistência; 17 atuavam na docência; 11 atuavam na gestão; e 17 revelaram atuar concomitantemente na assistência/docência.

No que tange ao conteúdo e estrutura das RS analisadas, foram identificadas 528 evocações pelas participantes no processamento do *corpus*, sendo 49 diferentes. A OME foi igual a 2,9 (em uma escala de 1 a 5). Considerando-se que foram desprezadas as evocações cuja frequência foi igual ou menor que 4, encontrou-se a frequência média de evocação igual a 19, com aproveitamento de 92,7% do *corpus*. A análise combinada desses dados resultou no quadro de quatro casas (Quadro 1), contendo um conjunto de palavras distribuídas nos quatro quadrantes, formando dois sistemas: central e periférico, os quais revelam a estrutura das RS do grupo investigado sobre a pessoa travesti.

Nesse contexto, é possível observar no Quadro 1 a sua composição em elementos considerados centrais (quadrante superior esquerdo) e os periféricos (demais quadrantes). Os termos presentes no quadrante superior esquerdo (NC) podem apresentar maior frequência e menor OME que aqueles dispostos nos demais quadrantes implicando que os mesmos foram evocados por diversas pessoas e apresentaram-se entre as primeiras posições, em uma escala de 1 a 5. Essas características, de acordo com os princípios da TNC, atribuem importância aos termos e revelam a memória coletiva de valores sócio-históricos e a homogeneidade do grupo investigado acerca do objeto em análise<sup>(10)</sup>.

Os demais quadrantes do Quadro 1 representam o sistema periférico, compostos por elementos que podem apresentar menor frequência e maior OME em relação aos elementos do NC. Eles possuem conotação de caráter subjetivo, estão relacionados ao contexto imediato dos sujeitos investigados, sendo vulneráveis a mudanças. O quadrante inferior esquerdo, denominado de zona de contraste, contém os termos que foram enunciados por menor quantitativo de participantes, e, apesar de apresentarem menor frequência, são termos prontamente evocados, sendo considerados muito importantes na compreensão da estrutura da RS<sup>(14)</sup>.

**Quadro 1** - Quadro de quatro casas correspondente ao termo indutor “travesti”, Salvador, Bahia, Brasil, 2019

Frequência Média	Ordem Média de Evocação < 2,9			Ordem Média de Evocação > 2,9		
≥ 19	Termo Evocado	Freq.	Ordem Média de Evocação	Termo Evocado	Freq.	Ordem Média de Evocação
	Preconceito	67	2,687	Alegria	45	2,978
	Maquiagem-Feminino	30	2,467	Coragem	29	3,138
	Identidade	27	2,556	Sofrimento	29	3,448
	Homossexual	20	1,650	Mulher	21	2,952
				Prostituição	19	3,368
<b>NÚCLEO CENTRAL</b>				<b>PRIMEIRA PERIFERIA</b>		
< 19	Homem que quer ser mulher	18	2,778	Direito	18	3,611
	Respeito	17	2,833	Diferente	14	3,071
	Sexualidade	17	2,765	Extravagância	14	2,929
	Homem	17	2,118	Liberdade	11	3,273
<b>ZONA DE CONTRASTE</b>				<b>SEGUNDA PERIFERIA</b>		

## DISCUSSÃO

No Quadro 1, os termos que compõem o provável NC e estruturam a representação social sobre a pessoa travesti são: “preconceito”, “maquiagem-feminino”, “identidade” e “homossexual”. Considerando o critério da frequência como um dos componentes mais importantes, o termo “preconceito” organiza os demais elementos e tem uma relação com os termos “maquiagem-feminino” e “homossexual”, cuja estrutura pode ser considerada como princípio descritivo do objeto representado. Nesse aspecto, cada elemento do NC mantém uma relação e implicação com um ou vários elementos periféricos, haja vista que o NC é constituído por noções fortemente conexas<sup>(15)</sup>. O termo “preconceito”, além de ser o mais evocado (67 vezes) e ter uma OME baixa, (2,687), foi sinalizado como o mais importante por 13 participantes. De modo geral, as justificativas para esse termo remetiam a situações vivenciadas pelas travestis nos diversos cenários de suas vidas, conforme apresentado a seguir:

*Acredito que o preconceito reverbera em diversos âmbitos da vida da travesti: social, mercado de trabalho, familiar, dificultando que o indivíduo possa ter sua própria personalidade e reafirmar-se enquanto pessoa. (P12, 35 anos, mestrado)*

*O preconceito caracteriza o que essas pessoas sofrem pela sociedade, desde o seu seio familiar até o convívio social externo. (P5, 40 anos, doutorado)*

Nesse sentido, é possível afirmar que o entendimento e a desconstrução de preconceitos constituem importantes elementos para a integralidade e a humanização da assistência destinada às pessoas travestis. Assim, o fortalecimento de novas noções sobre as travestis e travestilidades, junto as profissionais de saúde, em especial as enfermeiras, é fundamental para que se abram condições de acesso aos serviços para estas pessoas<sup>(16)</sup>.

O termo “homossexual” (F=20), presente no NC, apresenta OME (1,650), significando que foi um dos termos mais prontamente evocado pelas participantes. Vale registrar que o termo “homossexual” foi apontado como mais importante por seis participantes, e o conteúdo das justificativas sinaliza uma associação direta entre a identidade de gênero e a orientação sexual. Entretanto, uma não determina a outra, pois ocupam dimensões distintas na vida das pessoas<sup>(4)</sup>. Se, por um lado, o grupo investigado reconhece o enfrentamento do preconceito por parte das travestis, por outro, revelam o desconhecimento no que concerne a identidade de gênero, reforçando ainda mais o caráter pejorativo e de estigma associado à palavra “homossexual”. Vejamos as justificativas a seguir:

*Acredito que a figura da travesti esteja muito ligada à homossexualidade; à não aceitação de uma condição física e sexual. Por isso o travestir-se! Na tentativa de esconder ou mascarar uma identidade que não quer mostrar. (P8, 36 anos, doutorado)*

*Quando ouço a palavra travesti penso logo no homem que se caracteriza de forma feminina por identificar mais e, portanto, é atraído e quer atrair pessoas do mesmo sexo – homossexual. (P9, 30 anos, mestrado)*

Baseando-se nas evocações e em sua localização no NC do Quadro 1, é possível inferir que o grupo social, ao mesmo tempo

em que reproduz preconceitos e estereótipos no que tange à pessoa travesti, evidenciado por meio dos termos “homossexual” e “maquiagem-feminino”, evocam termos que remetem a ideia de “identidade”. No entanto, parece que essa identidade, necessariamente, não está relacionada à identidade de gênero, tendo em vista, que no campo representacional, 85 (15,79%) dos termos foram associados a “homem”, “homem que quer ser mulher”, “homossexual” e “maquiagem-feminino”, na contramão do entendimento acerca da identidade de gênero. Nesse aspecto, dentre os termos que compõem o Quadro 1, aqueles que foram mais prontamente evocados e considerando na análise prototípica foram “homossexual”, com OME de 1,650, e “homem”, com OME de 2,118.

O preconceito é uma construção social que tem raízes no universo simbólico da cultura e nas relações de poder, que perpassam as diversas instâncias sociais, com implicações nas experiências cotidianas do sujeito, em termos cognitivos e afetivos<sup>(2)</sup>. Embora o preconceito seja considerado uma construção social e teórica, deve-se considerar que o que as pessoas vivenciam no cotidiano é a discriminação<sup>(17)</sup>. No que se refere a pessoas com identidades inconformes e/ou dissidentes, as mesmas experienciam diversas formas e níveis de transfobia, que desencadeiam diferentes modos de sofrimentos. A convivência em contextos socioculturais marcados por uma concepção de uma normalidade cisgênera exclui outras possibilidades de vivências<sup>(18)</sup>.

O termo “preconceito” expõe a íntima relação entre os elementos presentes nos demais quadrantes e demarca um reconhecimento das(os) enfermeiras(os) sobre o contexto de iniquidade/vulnerabilidades vivenciado pelas travestis. Assim, é possível notar que a representação das(os) enfermeiras(os) remete a um contexto de suas práticas evidenciado no termo “preconceito”. Isso corrobora a afirmação de que há dificuldade em aceitar as diferenças, e tantos os profissionais de saúde quanto a sociedade ainda reforçam e potencializam atitudes que geram sofrimento, exclusão, barreiras e distanciamento social<sup>(3-4,18)</sup>. No entanto, foram observadas tensões na relação entre os termos presentes no NC e os periféricos, como “coragem”, “direito” e “respeito”, que reverberam como a pessoa travesti, possivelmente, seja acolhida nos diversos espaços da rede de atenção à saúde.

Nessa perspectiva, as travestis têm resistência a buscar ajuda profissional quando necessitam de cuidados, por serem constantemente desrespeitadas durante os atendimentos em instituições de saúde ou por terem suas queixas negligenciadas. Revela-se a ausência de vínculo com as equipes de saúde, o que prejudica a realização de ações preventivas, promovendo a prevalência de diversos agravos evitáveis ou tratáveis para esse grupo<sup>(19)</sup>.

Diante disso, é possível inferir que a representação social de enfermeiras sobre a pessoa travesti está ancorada na organização social que essa pessoa ainda é vista e/ou associada ao “homossexual” que se maquia e ‘assume’ uma “identidade” sem, no entanto, serem vistas e/ou compreendidas como realmente são/estão. Importante ressaltar que a representação aqui elaborada evidencia que as(os) enfermeiras(os) não fazem distinção entre orientação sexual e as identidades de gênero. No entanto, convém observar que a orientação sexual e a identidade gênero não devem ser vistas e/ou consideradas sinônimas, já que ocupam dimensões distintas na vida das pessoas<sup>(4,20)</sup>. A falta de distinção entre esses termos pode se constituir em uma modalidade de preconceito

que implica situações de discriminação frente às travestis, que, de alguma forma, não se enquadram nessa inflexão e tampouco se permitem rotular<sup>(3-4,20)</sup>.

Ao discutirmos a composição da primeira periferia, os termos “alegria” e “coragem” conotam situações aparentemente positivas vivenciadas pelas travestis, em uma alusão à dimensão lúdica e em oposição aos termos “prostituição” e “sofrimento”, também presentes neste quadrante (Quadro 1). Esses termos reportam duas dimensões, não necessariamente excludentes, para explicar o contraste relacionado à expressão e identidade de gênero. Para as(os) enfermeiras(os), as travestis, ao expressarem uma identidade que reivindicam para si, revestem-se de “coragem e alegria”. Em contrapartida, essa atitude pode levá-las a uma vida que tem sua tônica direcionada ao sofrimento, frente aos julgamentos de uma sociedade cisheteronormativa.

A primeira periferia é composta por termos que reforçam o NC, evidenciado no termo “prostituição”, ao mesmo tempo que aporta termos como “alegria”, “coragem”, “sofrimento” e “mulher”, acrescentando novas dimensões ao campo representacional<sup>(10)</sup>, além de remeter ao afeto e ao reconhecimento da pessoa travesti.

O termo “prostituição” (F=19), nessa composição, denota a presença de representações hegemônicas<sup>(21)</sup> que são produzidas por um coletivo de enfermeiras(os) que ainda associam a imagem da travesti ao trabalho sexual. Demanda esclarecer que nem toda travesti atua como trabalhadora sexual e que o envolvimento com a prostituição pode não ser a única alternativa. Por vezes, ocorre por necessidade e pelo fato de essa atividade ser significada pela travesti como um espaço onde pode exercer poder, uma vez que ela exhibe seu corpo não unicamente para o fim sexual, mas uma corporalidade pautada no desejo. Diante dessas questões, as travestis encontram, na noite, na esquina, uma maneira de se fazerem visíveis<sup>(22)</sup>.

Associar a travesti aos termos “homem” e “homem que quer ser mulher”, presentes na zona de contraste, pode revelar o não reconhecimento e legitimação de sua expressão e identidade de gênero, expressando a(s) dificuldade(s) das(os) enfermeiras(os) em compreender a travesti como distinta das demais identidades historicamente construídas. Os elementos aqui alocados, embora tenham apresentado baixa frequência, foram considerados importantes para as(os) participantes e podem reforçar noções elencadas na primeira periferia, como é o caso da coragem demandada para transicionar do gênero designado no nascimento, ao gênero autopercebido, nominado pelo grupo como “homem que quer ser mulher”.

É possível afirmar que o entendimento e a desconstrução de estereótipos/rótulos constituem importantes elementos para integralidade e humanização da assistência às pessoas travestis. Os desafios na criação e implementação políticas públicas requerem o envolvimento não só de profissionais preparadas(os) e comprometidas(os), mas também do apoio e compromisso da gestão. Nesse aspecto, o estreitamento de relações, junto ao movimento social organizado, poderá contribuir no que se refere à formação e aprimoramento de profissionais de saúde, em especial das(os) enfermeiras(os), para que se abram condições de acesso aos serviços para esse segmento populacional<sup>(23)</sup>.

Há, na representação social de enfermeiras(os) sobre a pessoa travesti, alguns elementos que demonstram um indicativo de

transformação, ao (re)conhecerem direitos que todas as pessoas possuem de ser/estar no mundo: “alegria”, “respeito”, “mulher”, “direito”, “diferente” e “liberdade”. Por conseguinte, a travesti merece respeito considerando a sua dimensão humana, ética e subjetiva. Nesse sentido, as cognições “direito”, “diferente” e “liberdade”, presentes na segunda periferia (Quadro 1), sinalizam e apontam elementos reivindicados pelo movimento social organizado<sup>(20)</sup>.

Notam-se fragilidades concomitantes sobre se existem travestis que desconhecem seus direitos e que, por isso, não reivindicam serem tratadas pelo nome social. Existem, também, profissionais de saúde que negligenciam o direito de prestarem um tratamento que comporte as singularidades e especificidades desse grupo<sup>(21)</sup>.

As cognições “diferente” e “extravagante”, também presentes na segunda periferia, revelam uma estrutura representacional permeada de estereótipos e preconceitos, uma vez que fazem alusão às travestis como pessoas que fogem à normalidade e beiram a ‘exotificação’. Ademais, exaltam depreciação da figura da travesti, ao considerá-la “extravagante e exótica”, externa à categoria de humano. Esses elementos parecem encontrar ressonância a partir de divulgações da mídia sobre a travesti como alguém que está sempre na categoria do ‘não ser’ e do ‘não lugar’<sup>(3)</sup>.

Diante desse contexto, as representações aqui elaboradas podem contribuir para que as pessoas travestis enfrentem barreiras no acesso aos serviços de saúde. Desse modo, constitui-se um desafio para as(os) enfermeiras(os) o desenvolvimento de habilidades técnicas, científicas e emocionais, pautadas pela ética, para estabelecer assistência inclusiva e acolhedora a esse segmento populacional em toda rede de atenção à saúde<sup>(24)</sup>.

### Limitações do estudo

A limitação deste estudo envolve a participação de enfermeiras(os) discentes de único programada de pós-graduação. Ainda assim, os resultados permitiram acessar elementos que podem contribuir com o (re)pensar e o fazer da enfermagem, uma vez que fizeram parte deste estudo alunas(os) de especialização, residência, mestrado e doutoramento de uma Escola que é vanguarda da história da enfermagem brasileira. A escassez de estudos sobre a temática e abordando o cuidado tolhe o estabelecimento de analogias entre os achados da pesquisa e a realidade de profissionais/estudantes em distintos contextos nacionais.

### Contribuições para a enfermagem e política pública

O desenvolvimento desta pesquisa aponta para elementos que podem suscitar a reflexão acerca dos modos de cuidado e contribuir para a qualidade da assistência de enfermagem direcionada à pessoa travesti. O processo de pesquisa permitiu integração entre discentes da pós-graduação; despertou para questões de respeito e para os aspectos éticos que envolvem o cuidado em saúde; aflorou sentidos e significados latentes acerca da temática investigada, favorecendo elementos para ponderação e possibilidades de influenciar em mudanças nas RS hegemônicas. Ademais, os resultados encontrados fornecem elementos para inserção e ampliação do debate sobre as sexualidades entre enfermeiras(o)s, tema pungente e que demanda um olhar sensível e cuidadoso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou que os elementos compartilhados socialmente por enfermeiras(os) estudantes de pós-graduação sobre as travestis apontam a reprodução de ideias socialmente vinculadas sobre esse grupo, na medida em que as representam como homem com orientação sexual homossexual. No entanto, à medida que transicionam do gênero designado por ocasião do nascimento para o gênero a que sentem pertencer, com vistas à realização e ao reconhecimento pessoal, vivenciam o preconceito e a discriminação.

Diante dessa constatação, ressalta-se a necessidade de investimentos em processos formativos que possam propiciar a reorientação dessa postura. Desconsiderar a autodeterminação de gênero pode se constituir um reforço de preconceito, discriminação e exclusão, uma vez que lhes são atribuídas um significado que não condiz com seu sentimento interno de pertença, reiterando violências, violação de direitos e apagamento e/ou anulação de sua subjetividade.

É importante ressaltar que o estudo evidencia a necessidade de reflexão sobre os referenciais identitários que sustentam as representações de enfermeiras(os) sobre travestis, uma vez que os

elementos evocados apontam para aspectos sociais, biológicos e éticos-morais, que permeiam as travestilidades e para o silenciamento de cognições relacionadas ao cuidado em saúde. De todo modo, a intenção não é fomentar divagações sobre o objeto em estudo, mas abrir caminhos para discussão e aprofundamento da temática na perspectiva do cuidado e para a inclusão da temática nos cursos de formação superior e técnica em saúde.

## FOMENTO

Essa pesquisa contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## AGRADECIMENTO

Agradecemos às integrantes do grupo de pesquisa Sexualidade, Vulnerabilidade, Drogas e Gênero (SVDG) do programa de Pós-graduação em Enfermagem da UFBA, pelo apoio. Somos gratas à professora Miriam Santos Paiva pelas imensas contribuições.

## REFERÊNCIAS

1. Butler J. *Bodies That Matter: on the Discursive Limits of “Sex”*. New York: Routledge; 1993.
2. Pereira F, Costa GJ. Pobreza e gênero: a marginalização de travestis e transexuais pelo direito. *Rev Direitos Fundam Democ*. 2017;22(2):210-224. doi: 10.25192/issn.1982-0496.rdfd.v22i2800
3. Oliveira EM, Oliveira JFD, Porcino C, Campos LCM, Reale MJOU, Souza MRRD. “Corpo de homem com (tre)jeitos de mulher?”: imagem da travesti por enfermeiras. *Interface (Botucatu)*. 2019;23:e170562. doi: 10.1590/interface.170562
4. Porcino CA, Coelho MTAD, Oliveira JF. Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti. *Saude Soc*. 2018;27(2):481-94. doi: 10.1590/s0104-12902018169303
5. Pinto T, Teixeira FB, Barros CRS, Martins RB, Saggese GSR, Barros DD, et al. Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2017;33(7):e00113316. doi: 10.1590/0102-311x00113316
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
7. Monteiro S, Brigeiro M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. *Cad Saúde Pública*. 2019;35(4):e00111318. doi: 10.1590/0102-311X00111318
8. Ministério da Saúde (BR). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília; 2012.
9. Wagner W. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: Guareschi PA e Jovchelovitch S, organizador. *Textos em representações sociais*. 14 ed, Petrópolis: Vozes; 2013.
10. Sá CP. Teoria e pesquisa do núcleo central das representações sociais. In: Sá CP, organizador. *Estudos de psicologia social: história, comportamento, representações e memória*. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2015.
11. Oliveira CS, Silva BM. Representações sociais sobre sistematização da assistência à criança hospitalizada. *Cogitare Enferm*. 2017;22(1)2(1):1-8. doi: 10.5380/ce.v22i1.48932
12. Shimizu HE, Silva JR, Moura LM, Bermúdez XPD, Odeh MM. A estrutura das representações sociais sobre saúde e doença entre membros de movimentos sociais. *Ciêns Saúde Coletiva*. 2015;20(9):2899-910. doi: 10.1590/1413-81232015209.20592014
13. Sarubbi VJ, Reis AOA, Bertolino Neto MM, Rolim Neto ML. *Tecnologias Computacionais para o auxílio em pesquisa qualitativa - Software EVOC*. São Paulo: Schoba; 2013.
14. Abric JC. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: Abric JC, organizador. *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville- Saint Agne: França: Ed. Eres; 2003. p.59-80.
15. Guaranha C. Travestis e Transexuais: a questão da busca pelo acesso à saúde. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, desafios atuais dos Feminismos, Florianópolis [Internet]. 2013[cited 2019 May 5]. Available from: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384173144\\_ARQUIVO\\_CamilaGuaranha.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384173144_ARQUIVO_CamilaGuaranha.pdf).

16. Guimelli C. Pratique sociale e représentation. In: Abric JC, organizador. La fonction d’infirmière pratique e representation sociale. Paris: PUF; 2001. p.83-107.
  17. Moreira JA. O que é discriminação? Belo Horizonte: Letramento; 2017.
  18. Silva RGLB, Bezerra WC, Queiroz SB. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015;26(3):364-72. doi: 10.11606/issn.2238-6149.v26i3p364-372
  19. Pereira PPG, Souza MHT. Cuidado com saúde: as travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Texto Contexto Enferm. 2015;24(1):146-53. doi: 10.1590/0104-07072015001920013
  20. Jesus JG. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília; 2012, p.24 Available from: [https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989).
  21. Moscovici S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis: Vozes, 2012.
  22. Sander VSM. Entre manuais e truques: uma etnografia das redes do trabalho sexual entre travestis em Belo Horizonte[Dissertação] [Internet]. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2015 [cited 2019 May 5]. Available from: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279627>
  23. Guaranha C. Travestis e Transexuais: a questão da busca pelo acesso à saúde. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, desafios atuais dos Feminismos, Florianópolis [Internet]. 2013 [cited 2019 May 5]. Available from: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384173144\\_ARQUIVO\\_CamilaGuaranha.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384173144_ARQUIVO_CamilaGuaranha.pdf).
  24. Andrade CAA, Loureiro AR, Lima NER, Vasconcelos EMR, Araújo EC. Requisitos de autocuidado de mulheres transexuais em uso de hormônios sexuais segundo teoria de Orem. Cogitare Enferm. 2018;23(3):e55748. doi: 10.5380/ce.v23i3.55748
-